

Semiótica e interdisciplina no ecossistema midiático atual

Semiotics and interdisciplinarity in the current media ecosystem

■ JOSÉ LUIS FERNÁNDEZ^a

Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires, Argentina

RESUMO

Pesquisar a *vida das plataformas* no período *postbroadcasting* exige mais do que um conhecimento sociosemiótico de suas trocas discursivas, embora essa perspectiva seja indispensável. Neste artigo, propomos uma revisão do trabalho de pesquisa da sociosemiótica das mediações e suas relações contínuas com outras abordagens, dentro e fora da disciplina, sobre esse fenômeno central da época. Primeiramente, será descrito o ecossistema midiático atual e, dentro dele, a abordagem sociosemiótica. Em seguida, serão definidos os caminhos metodológicos que complementam outras disciplinas. Por fim, serão propostos caminhos para um futuro melhor integrado, tanto dentro da própria semiótica quanto em relação a outras disciplinas que estudam a midiáticação.

Palavras-chave: Sociosemiótica, mediações, interdisciplina, captura, dataficação

ABSTRACT

The investigation of platform lives in postbroadcasting requires more than socio-semiotic knowledge about their discursive exchanges, although their perspective is essential. This article proposes a review of the research work from the socio-semiotics of mediatizations and its ongoing relationships with other approaches, inside and outside the discipline on this central phenomenon of our time. First, the current media ecosystem and within it the socio-semiotic approach will be described. Methodological paths that complement other disciplines will then be explained. Finally, paths will be proposed for a better integrated future, both within semiotics itself and with respect to other disciplines that study mediatization.

Keywords: Socio-semiotics, mediatizations, Interdiscipline, ecology, datafication

^aDoutor em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires (UBA) e professor consulto na mesma universidade. Pesquisador categoria 1. Vencedor do Premio UBA a la producción científico y técnica em 1994. Orcid: 0000-0002-4196-6528. E-mail: unjlfmas@gmail.com



O futuro chegou há muito tempo
 Um grande bastão, você vê!
 Vamos ver um pouco com seus olhos...
 O futuro está aqui!
 (Patricio Rey y sus Redonditos
 de Ricota, 1988, tradução livre).

É UM GRANDE DESAFIO pensar sobre o futuro de uma disciplina em um momento em que os fundamentos de suas práticas de pesquisa estão sendo testados por profundas transformações em seus objetos. Esse é o caso da sociosemiótica, que se concentra nas mediações e, dentro delas, nas trocas discursivas em plataformas e suas redes sociais. Estamos inundados de incertezas, ao mesmo tempo em que enfrentamos a complexidade. É um momento desafiador.

Somos obrigados, por um lado, a revisar nossas próprias ferramentas metodológicas e, por outro, a aceitar e nos adaptar à *convivência* e à *interação* com outras abordagens disciplinares. A convivência e a interação são práticas muito diferentes: na primeira, a diversidade é aceita, enquanto a interação exige testar e questionar as próprias abordagens e as ferramentas derivadas delas.

De acordo com a maneira como estamos pesquisando e publicando, para sustentar, em termos um tanto hereticamente greimasianos, a *isotopia* que permite que um sistema de troca se sustente como social, devemos recorrer a relações que não vêm exclusivamente da semiótica.

Nesse ponto, como disse Eliseo Verón certa vez em uma palestra, a semiótica é um rio largo no qual navegam diversas abordagens e preocupações temáticas e até mesmo políticas. Portanto, se quisermos expor as relações da semiótica com outras disciplinas, é inevitável traçar um panorama da extensão de nossa visão sempre limitada da disciplina.

Duas advertências para nos introduzir em um campo e uma posição delicados.

A primeira é que estamos nos aproximando de um campo que é, em princípio, insondável do ponto de vista de um pesquisador individual ou mesmo de uma equipe de pesquisa. Portanto, o que se segue é apenas uma aproximação a ser discutida e esclarecida polifonicamente. Por outro lado, mencionaremos pesquisadores e tendências de pesquisa sem espaço para citá-los longamente; o risco de sermos injustos ou suspeitos de superficialidade é inevitável.

Primeiro, analisaremos aspectos do estudo das mediações dentro da semiótica regional. Em segundo lugar, descreveremos o *estado atual* da sociosemiótica

das mediações, que se originou em torno das propostas de Eliseo Verón (1987, 2013) e outros. Em seguida, apresentaremos sinteticamente uma proposta metodológica para articular, por um lado, com outras abordagens semióticas das mediações e, por outro lado, abordaremos as relações com outras disciplinas, mas com um foco especial na *datificação e, mais precisamente*, nos processos de *captura* de dados. Por fim, serão propostas conclusões abertas para um futuro de pesquisa interdisciplinar e globalizado.

SEMIÓTICA/S E MEDIAÇÃO/ÕES NA AMÉRICA LATINA

Não há dúvida de que na América Latina podemos falar de um *ambiente* veroniano ligado ao estudo das mediações do ponto de vista semiótico.

Quais são as contribuições de Eliseo Verón que são genericamente aceitas em nosso meio? Simplificando: um Peirce muito produtivamente metabolizado como uma lógica geral do signo; a semiose social como uma rede como alternativa à semiosfera (Lotman, 1996); o sistema de troca como um fenômeno macro; a distância intransponível entre produção/reconhecimento discursivo, estruturando a compreensão de toda troca; as diferenças entre o ideológico e o poder do discursivo; a necessidade de partir de *marcas* na materialidade discursiva (e na materialidade da mídia) para sustentar que são *traços* a partir dos quais os processos de produção de sentido podem ser reconstruídos; o princípio da observação externa à participação em trocas (o triângulo duplo) e sua incorporação à observação geral do científico.

Há focos veronianos em vários países da América Latina (Parra Ortiz, 2014), mas não há dúvida de que sua influência é sentida centralmente na Argentina e no Brasil. Pontos focais importantes nesses países são o CISECO (Centro de Estudios en Semiótica y Comunicación), fundado pelo próprio Verón e por José Antonio Fausto Neto, e o CIM (Centro de Investigaciones en Mediatizaciones), na Universidad Nacional de Rosario, dirigido desde sua fundação por Sandra Valdettaro. Ambos têm pesquisadores permanentes ou convidados que, por outro lado, em muitos casos se cruzaram e compartilharam experiências.

Não conheço os detalhes da situação atual no Brasil, mas presumo que existam vários cursos de pós-graduação e cátedras funcionando em diferentes partes do Brasil em torno de figuras como Lucía Santaella, Antonio Fausto Neto e Clotilde Pérez. Na Argentina, toda a área de Crítica Artística da Universidad de las Artes tem uma forte influência veroniana, a começar pelos fundadores da área, Oscar Traversa e Oscar Steimberg, e, por outro lado, há as várias cátedras

lideradas, entre outros, por Marita Soto (que dirigiu a área), Sergio Ramos (substituto de Soto), Gastón Cingolani (ex-diretor do Instituto de Pesquisa) e Mónica Kirchheimer (atual diretora).

O doutorado em Semiótica da Universidade Nacional de Córdoba tem uma marca tanto veroniana quanto lotmaniana, por meio da atividade de Pampa Arán, recentemente falecido, e também de Beatriz Amman e María Teresa Dalmasso, entre outros pesquisadores.

Por fim, vale a pena mencionar os cursos de Semiótica dedicados à mediação, todos com um forte viés veroniano, no Departamento de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires. Os atuais professores titulares são Daniela Koldobsky, Gustavo Aprea, Mario Carlón, Amparo Rocha Alonso, Claudio Centocchi e Damián Fraticelli. Todos eles estão cercados por equipes de pesquisa que trabalham com essas questões há duas ou três décadas.

Embora dentro desse universo veroniano as relações transversais sejam uma continuidade, há inevitáveis *divergências* parciais nos temas e objetos de pesquisa, na medida em que não há acordos sobre estratégias de pesquisa convergentes, embora mantenham a inevitável diversidade. O trabalho está em andamento.

Uma revisão incompleta e com uma classificação talvez ainda demasiadamente fraca das tensões temáticas dos pesquisadores no campo veroniano deve discriminar os movimentos:

- *Centrífuga*, quando se passa da semiótica para uma disciplina estrangeira, como a antropologia ou as ciências de dados, em busca de ferramentas para explorar as fronteiras. Nesses casos, a busca multi ou transdisciplinar é explícita.
- *Centrípetas*, que, partindo de um objeto não explicitamente incluído nas preocupações semióticas, retornam às semiotizações da mídia, como as da vida política, da publicidade, das artes plásticas ou musicais. Correndo o risco de esquematizar, o objetivo aqui seria introduzir um olhar que traria à semiótica fenômenos de transcendência sociocultural que vão além dela.

CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS PARA A CONVERGÊNCIA: A ANÁLISE DOS SISTEMAS DE INTERCÂMBIO DISCURSIVO

Como base própria no momento, ousou propor uma unidade comum de análise para essas abordagens que nos permitiria compartilhar nossos campos de

trabalho e facilitar a interação multidisciplinar: o sistema de troca discursiva da mídia, ou seja, passar da análise discursiva textual para a reconstrução do sistema que permite que qualquer texto contribua para a produção de significado social.

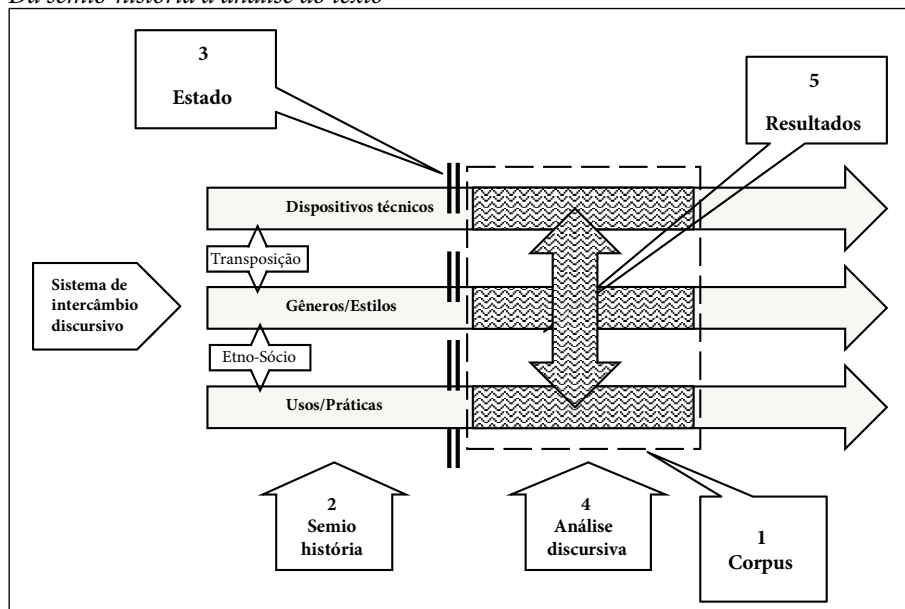
Do nosso ponto de vista, as barreiras para essa mudança não serão nem teóricas nem metodológicas, mas as vemos, por assim dizer, como barreiras epistêmico-políticas.

Vejam agora como o sistema de troca discursiva pode ser operacionalizado para estudo.

A Figura 1 mostra, muito esquematicamente, os momentos de trabalho dentro de nossa metodologia de pesquisa, e como é o caminho indireto que nos leva ao estudo do corpus como uma representação do sistema de intercâmbio em estudo. Lembremos que a definição do sistema de troca discursiva pressupõe que o significado da troca é apresentado como um efeito de passagem nos textos trocados. Vejam as diferentes fases do trabalho, conforme as aplicamos em nossa prática.

Figura 1

Da semio-história à análise do texto



Nota. Elaboração própria.

A fase 1 é a seleção do corpus a ser estudado, que, como vimos, deve representar o sistema de troca discursiva a ser estudado (um estudo semiótico

pressupõe o conhecimento da vida sociocultural associada a esse sistema de troca). É claro que, para que uma pesquisa avance de forma produtiva, é muito importante que o corpus, que será o material de estudo, represente muito bem a materialidade do sistema.

O corpus é constituído, pelo menos, pelas três séries constitutivas básicas: a dos dispositivos técnicos, a das tensões genérico-estilísticas e a das propostas de uso ou práticas comunicacionais associadas; é claro que essas séries podem ser decompostas internamente.

Na *fase 2* da análise, que chamamos de semio-histórica, o trabalho consiste em reconstruir o caminho anterior das séries que percorrem o corpus. Em alguns casos, serão séries longas, das quais as seguintes são exemplos: o caso dos dispositivos técnicos, tipográficos, genérico-estilísticos, construções de heróis e vilões da epopeia greco-latina, tragédia e comédia e, no caso dos usos, uma pressuposição sobre a posição espectral proposta e a busca de informações no sentido moderno do termo.

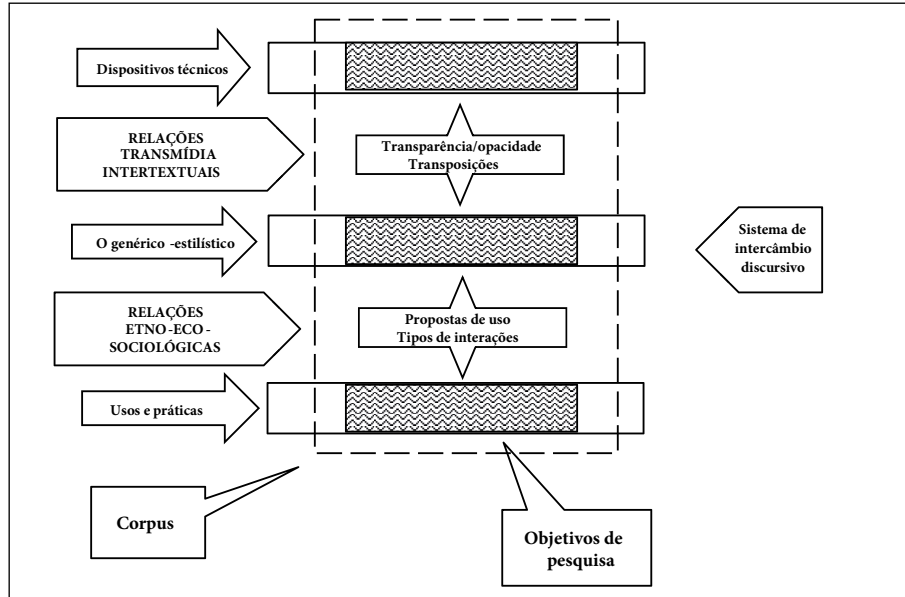
O resultado desse trabalho, que nos concentra progressivamente em nosso corpus, é apresentado na *fase 3*, que chamamos de *estado sociossemiótico*, que pode ser entendido como o ecossistema de mídia discursiva no qual nosso objeto de análise está situado. Uma esquematização do estado sociossemiótico pode ser vista na Figura 2, construída como uma seção transversal da jornada semio-histórica. Nela, vemos que o processo de pesquisa sobre as três séries que, em princípio, têm um número infinito de características, é limitado apenas pela adequação aos objetivos da pesquisa.

Entre os costumes discursivos em que se desenrola a vida sociossemiótica de nosso corpus, notaremos a presença ou não de transposições, ou seja, de características de textos que vêm de outros sistemas de troca, ou a presença de características que evidenciam a materialidade de seus dispositivos técnicos, como *texturas*, posições de câmera transparentes ou que evidenciam seu uso, como planos zenitais ou *travellings* agitados, projetos gráficos provocativos ou classicistas. Além disso, entre o genérico-estilístico e suas propostas de uso, observaremos propostas de passividade receptiva ou participativa, apelos à expectativa de descanso ou mobilidade. Em outras palavras, a análise das trajetórias que enfocamos no corpus, embora semiótica, é analisada de um ponto de vista que pressupõe a multidisciplinaridade.

Uma vez estabelecido o estado sociossemiótico de nosso corpus e conhecidas as trajetórias das várias séries e suas relações em seus costumes socio-discursivos, iniciamos a análise discursiva da *fase 4* da Figura 2.

Figura 2

Análise discursiva do corpus textual



Nota. Elaboração própria.

O que significa níveis interagindo uns com os outros? Quando qualquer falante nativo de uma cultura intervém em sistemas de trocas discursivas, ele avalia, de forma mais ou menos crítica, sua participação, bem como a de outros que interagem em cada intercâmbio. Ele também avalia o intercâmbio como um todo ou em alguns de seus aspectos e pode compará-lo com outros que conhece, quer participe deles ou não.

A partir desse ponto de vista, o observador partilha a cultura que está analisando no devido momento, e o metodológico cria uma observação distanciada de seus concidadãos e concidadãs. É daí que vem parte das incertezas que persistem sobre a adequação, ou não, do acadêmico ao socialmente plausível: são dois aspectos diferentes.

TEXTURAS NAS CONVERGÊNCIAS NA SEMIÓTICA E DA ANÁLISE DO DISCURSO

Em que consiste a própria *análise discursiva* nesse modelo? Já o dissemos antes: no registro das *marcas* no *corpus* que se tornam *traços* do tratamento das diversas séries presentes no material. Vamos relembrar os termos:

- *Texto(s)*: a(s) unidade(s) material(is) portadora(s) de sentido que inter-vém(êm) nos sistemas de intercâmbio discursivo da mídia.
- *Característica*: chamaremos isso de qualquer característica registrável dos textos a serem estudados. Trata-se da materialidade em seu sentido mais amplo.
- *Marca*: as características selecionadas dentre a materialidade como um todo porque se considera que sua presença está relacionada aos objetivos do estudo. Trata-se da materialidade escolhida com base em princípios técnicos e institucionais.
- *Pegada*: o resultado da atribuição a uma marca selecionada de alguma condição de produção de significado que justifique a presença da marca. É a operação básica de (re)construção de um sistema de troca discursiva da mídia fora da plausibilidade que sustenta o senso comum de repetição.

Das várias tradições de análise de tópicos discursivos, proponho prestar atenção, como um campo de exemplificação, às *texturas*, que considero fundamentais para a compreensão do processo semiótico de midiatização. Elas são aspectos diferentes uma da outra, mas podem ser aplicadas em áreas diferentes: são a da *textura* e a dos *formatos*. Nesses dois níveis, manifestam-se os principais aspectos das materialidades que estamos estudando e sua organização, sem os quais, como geralmente acontece, os efeitos de significado da midiatização se dissolvem. Na sua ausência, as palavras dos personagens (dissolvidos como atores da mídia) e suas opiniões e narrativas ganham o palco analítico.

As materialidades que estudamos têm uma presença *magmática e escamosa*: não encontramos nenhum conteúdo sem materialidade, nem nenhuma característica de qualquer tipo se não fizermos primeiro, consciente ou inconscientemente, um exercício de *abstração*.

Um conteúdo de fúria ou ódio (*haters*) é o uso de letras maiúsculas nas plataformas; um tema filosófico é uma tentativa de incluir ou excluir destinatários; uma metáfora incomum constrói um enunciador sofisticado e talvez até pretensioso; uma longa história força, ou finge forçar, a aceitação de ser um público cativo.

Ficará evidente, em cada nível em que pretendemos descrever as operações, que a complexidade não é o produto de uma posição intelectual, mas do envolvimento em uma atividade descritiva que, por princípio, é infinita quando aplicada a objetos complexos.

Texturas

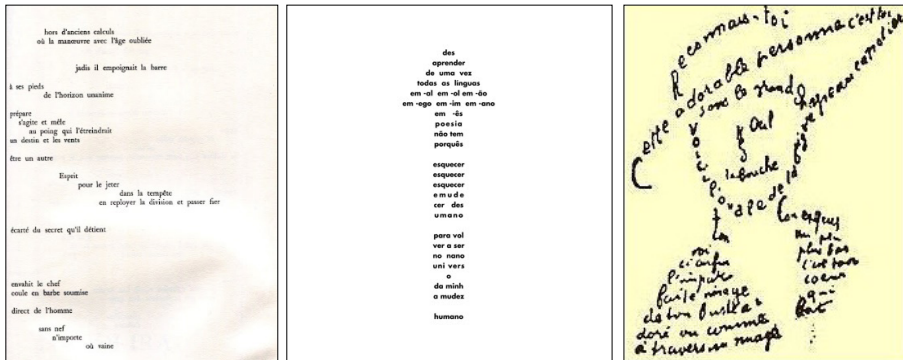
As *texturas* são as marcas deixadas pelos dispositivos técnicos na superfície dos textos trocados, que muitas vezes são inevitáveis de acordo com as características dos dispositivos técnicos, mas essas características também podem ser usadas, acentuando-as ou tornando-as transparentes, para usos expressivos e estilísticos.

Na descrição da textura nas mediações, retornamos em parte às noções gráficas e têxteis e aos termos derivados dos efeitos estilísticos. Partimos do pressuposto, então, de que não há contato de mediação, tela ou interface que não proponha um primeiro efeito de textura.

Vamos apresentar alguns tipos desses recursos, incluindo alguns em uma abordagem trans ou multimídia na Figura 3:

Figura 3

Texturas em mediações literárias: Mallarmé, Apollinaire, Augusto de Campos.



- O *ritmo*, que se apresenta por meio de vários recursos ou operações, entre outros: mudanças na sequência de sons ou imagens, por montagem ou pela representação de movimentos, respiração mais ou menos agitada, a câmera na mão diante de um sereno *travelling*, a ordem ou a desordem no design gráfico de uma interface.
- A superfície de textos gráficos ou interfaces, hierárquicos ou ordenados ou não, que propõem em suas diferenças caminhos de leitura muito diferentes, bem como as nuances entre a casa e o mural do Facebook ou as telas das plataformas de *streaming*, e até mesmo as tipografias, seus estilos ou seus diferentes tamanhos e pesos.
- O número de gêneros incluídos e sua brevidade: a música + a notícia + o boletim meteorológico geram mais ritmo do que a entrevista + a coluna de opinião + o editorial.

- A polifonia entendida como o número de vozes colocadas em discurso (pelo menos a oposição monotonia/polifonia); ou a diversidade de tipos de imagens, fotográficas ou pictóricas; das sexualidades representadas, suas ressonâncias etárias (imagens ou vozes de crianças, jovens, adultos, idosos), ou seja, o que é típico dos formatos de *mosaico*.

Se a textura for perdida na análise, a evidência da midiatização será perdida. Não há conteúdo, conceito, troca que não seja confrontado, em primeiro lugar, e em um gesto reprimido pela cultura, como um efeito técnico que apoia e constrói aquilo que é trocado e seus modos de circulação.

Formatos

Os *formatos* são organizações gerais de textos, estruturados ou não, que permitem, ou pelo menos propõem, organizar as trocas discursivas de diferentes maneiras. Eles são um momento de articulação entre as materialidades de texturas e figurações diversas, entendidas como operações básicas para a produção de sentido. Narrativas e argumentos, estruturados ou não, grandes macro ou microgêneros e sua coexistência ou não nos grandes formatos de mosaico que, sem chamar muita atenção, são figurações da vida midiática, dos meios de comunicação de massa, e que são aparentemente inevitáveis em plataformas e aplicativos.

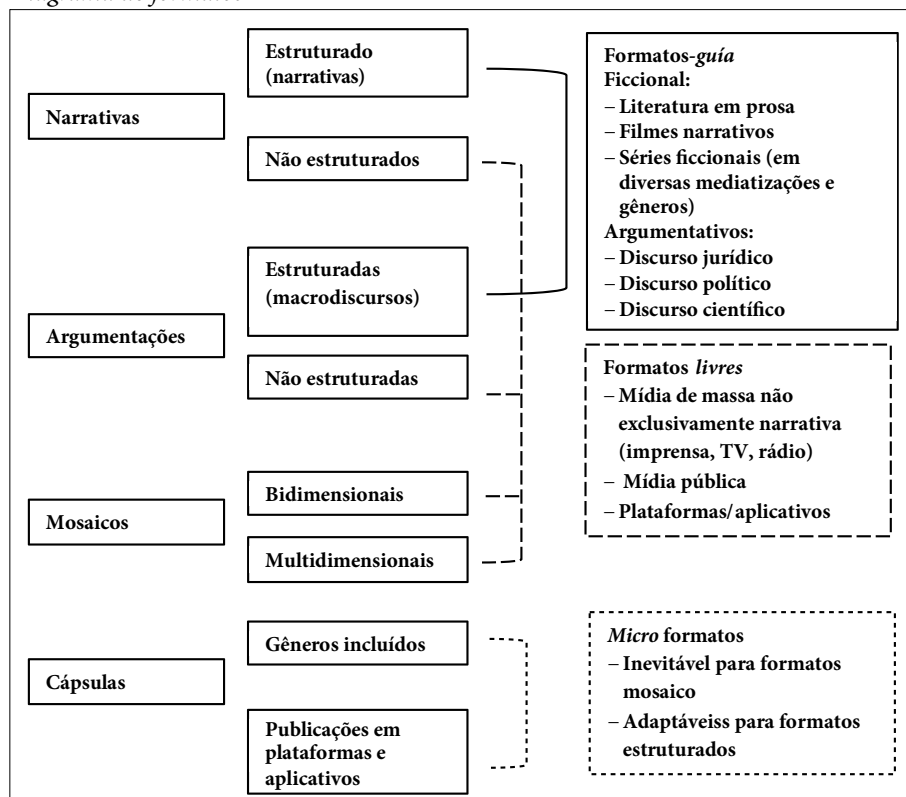
O termo *formato*, para simplificar, foi e é aplicado em duas direções que pertencem a séries *semi-históricas* muito diferentes:

- em direção a *dispositivos técnicos* ou, mais amplamente, em direção a materialidades e suportes (formatos de rádio, TV, gráficos, internet ou suas várias plataformas e aplicativos, entendidos como *espaços de comunicação*);
- em direção aos tipos genérico-estilísticos ou até mesmo discursivos (formatos jornalísticos, publicitários, informativos, políticos, vídeos em plataformas como Instagram ou TikTok).

O termo formato é usado aqui como um espaço de tensão entre possibilidades e uma primeira organização dos formatos é apresentada na Figura 4.

Figura 4

Diagrama de formatos



Nota. Fernández (2023).

Como pode ser visto na Figura 4, três tipos diferentes de fenômenos são colocados no mesmo cenário sob o termo *formato*:

- Aqueles que respondem a *organizações estruturantes*, na medida em que propõem formas de construção de significado com propostas de recepção, bem-sucedidas ou não como tal; suas partes *não são vistas*; narrativas e argumentos *são inferidos*.
- Uma *organização superficial*, a do mosaico, que mostra a relação entre suas partes à primeira vista, não pode escapar à observação, mesmo que pouca atenção tenha sido dada a ela.
- As *cápsulas*, por outro lado, pertencem a outra escala, elas têm uma vida antropológica, por assim dizer: anedotas, contos populares, fofocas, piadas, têm vida na vida sociocultural, tanto na mídia quanto fora dela; pouca atenção é dada a elas por causa de sua suposta falta

de importância, mas elas são fundamentais no nível intersticial, tanto em argumentações quanto em narrativas e, é claro, em mosaicos.

Na descrição das mediações, é muito importante registrar e destacar o formato de mosaico e a presença de cápsulas. Deve-se entender que, por exemplo, o formato *tema musical* ou *canção* é central na constituição das grandes tendências culturais em torno da *música popular* (Fernández, 2024).

CONVERGÊNCIAS DENTRO DA SEMIÓTICA REGIONAL

É claro que é impossível ser exaustivo com tudo o que está acontecendo em uma disciplina tão diversa como a semiótica em uma área tão vasta como esta da América Latina. Em cada um de nossos países, ou pelo menos entre aqueles que conheço, há uma geração de pesquisadores entre trinta e cinquenta anos, intervindo em todas as áreas. Até mesmo focar em um único país seria inevitavelmente injusto.

Já existe uma longa tradição de publicações periódicas ou compilações em livros, centrípetas ou centrífugas, nas quais os pesquisadores em semiótica da região têm coexistido, às vezes convergindo com outras correntes, às vezes não. Por sua vez, essas publicações reúnem enfoques centrípetos ou centrífugos, divulgam estudos qualitativos e quantitativos sobre convergências e divergências, bem como temas incluídos ou excluídos e autores inevitáveis.

Um aspecto importante é que, pelo menos do meu ponto de vista, estamos lendo uns aos outros regionalmente. Cada vez mais, nossas intervenções incluem a presença de obras de autores que não pertencem nem ao universo inevitável a ser citado nem diretamente às nossas equipes e instituições de pesquisa. Estamos acompanhando uns aos outros em nossos desenvolvimentos e a mistura de autores está se tornando mais rica (Carlón, 2024; Fernández, 2021, 2023; Leone, 2023; Pardo Abril, 2023). No entanto, ainda é evidente que, mesmo em temas comuns e entre autores próximos uns dos outros, há uma falta de citações cruzadas (Caro, 2023; Flores, 2022; Pérez, 2024).

Embora qualquer pessoa possa certamente pensar em outras áreas para explorar em profundidade, ainda há um longo caminho a percorrer para articular, como exemplos, os modelos de semiose social com os da semiosfera (redes ou esferas globais e parciais?); as teorias da midiaticização com as da multimodalidade (começamos com a materialidade ou a acrescentamos depois de entender as trocas verbais?) e uma área que talvez seja a menos percorrida, a que deve estabelecer relações entre as teorias da *enunciação*, o interacionismo simbólico, o *tensional* e o *agente*.

É impossível entrar nessas diversidades sem se perder, se isso não for feito em um trabalho de grupo extenso. Em todos eles, aparece explícita ou implicitamente a necessidade de levar em conta as materialidades, os intertextos e os sistemas de troca que organizam as observações e as abordagens. Por essa razão, a fim de mostrar as possibilidades e necessidades de convergência entre diferentes abordagens, farei referência a casos que, embora muito próximos, não deixam de mostrar as inevitáveis divergências nos caminhos da pesquisa.

Na semiótica das mediações veronianas, temos estudado o problema da circulação no ecossistema da nova mídia.

A questão da circulação é ambígua. De um certo ponto de vista, dentro da semiótica das mediações, ela tem sido considerada um fenômeno-chave para a compreensão das trocas nas plataformas em relação à mídia de massa (Fausto Neto, 2010). Mas todas as outras teorias da comunicação sempre a privilegiaram como tema. As teorias de efeitos sempre tentaram entender o que acontece entre emissores e receptores.

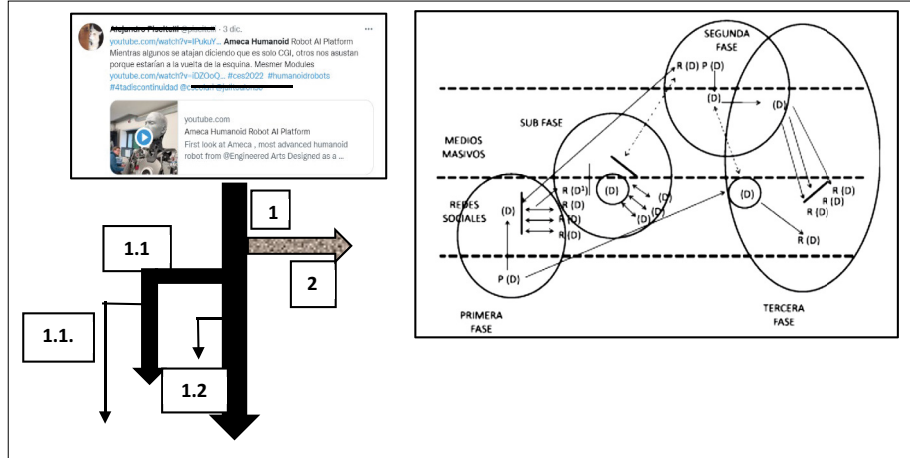
Por outro lado, discutimos se a circulação é um tema das novas mediações ou se é uma questão de diferentes temas que coexistem em um determinado momento do processo de mediatização (Fernández, 2021, pp. 101-121). Ali tornamos relativo o fenômeno comum, mas, do ponto de vista metodológico, como veremos, vale a pena analisar comparativamente. Vamos resumir os tipos de circulações que registramos por enquanto:

- *Intraplataformas*: cada post ou publicação em qualquer plataforma costuma gerar comentários, às vezes muito variados, mas dentro da própria plataforma ou aplicativo.
- *Interplataformas*: quando as circulações não chegam à mídia de massa (embora os casos que alcançam repercussão pública, mais cedo ou mais tarde, passem pela mídia de massa), há diferentes tipos de trocas, como as trocas turísticas, que chegam muito pouco à mídia de massa, mas geram posts e comentários em várias plataformas.
- *Transmídia*: envolvendo várias mediações e com rotas muito diferentes, o que poderíamos chamar de paradigma do *postbroadcasting*.
- *Transterritoriais*: uma vez que consideramos as plataformas como contextos, podemos entender outros contextos performativos, sejam eles teatros, centros culturais, meios de transporte ou espaços públicos, como uma parte *trans* de diversos circuitos, como os musicais ou políticos.

Para o que queremos analisar neste momento, escolhemos dois dos tipos extremos, mas comparáveis: intraplataformas e transmídia.

Figura 5

Dois tipos diferentes de circulação que são complementados por sistemas de intercâmbio



Nota. Circulação intraplataformas (Fernandez, 2023).

Em ambos os casos, a necessidade de estudar os sistemas de intercâmbio discursivo é aceita. Na circulação intraplataforma, e ainda mais na transmídia, surge uma série de perguntas importantes: Até onde se estende o *guarda-chuva* de um sistema de intercâmbio discursivo? Como estabelecer a importância de cada sequência de trocas quando elas não estão centradas no mesmo eixo da postagem original? Como estabelecer o limite, talvez de forma mais dramática, se essas circulações vão e voltam entre a mídia de massa e as plataformas? Suas metodologias de análise deverão ser diferentes ou terão de ser relacionadas?

Na circulação intraplataforma, observamos fenômenos de ramificação que, devido à sua complexidade, geralmente chamamos de arborescência. Esse é um caso muito comum em estudos sobre o tratamento de questões de importância social em plataformas, e muitas vezes nem é possível estabelecer qual é a rota principal ou mais importante diante de várias derivações (Figura 5).

Dentro da circulação transmídia, Mario Carlón (2020) chamou a atenção para a circulação transversal, um tema que ocupa um lugar importante em seu trabalho. A circulação transmídia transversal, entre diferentes tipos de mediações, inclui a mídia de massa, ou seja, é um fenômeno importante no ecossistema *postbroadcasting*, que está relacionado ao que o autor ainda prefere chamar de *redes*.

É claro que há circulações inter/transplataformas que não são registradas na mídia de massa, e não apenas os circuitos musicais incluem fases territoriais (Braga, 2012; Rocha Alonso, 2016; Videla, 2019). Mas é importante registrar as complexidades temporais e espaciais que enfrentamos.

Uma conclusão necessária a partir deste ponto é que tudo o que estamos investigando nos mostra que, se não incluirmos os intercâmbios discursivos nas análises de plataforma, não poderemos progredir ou entender o que é central para elas. Porém, elas não se bastam por si mesmas.

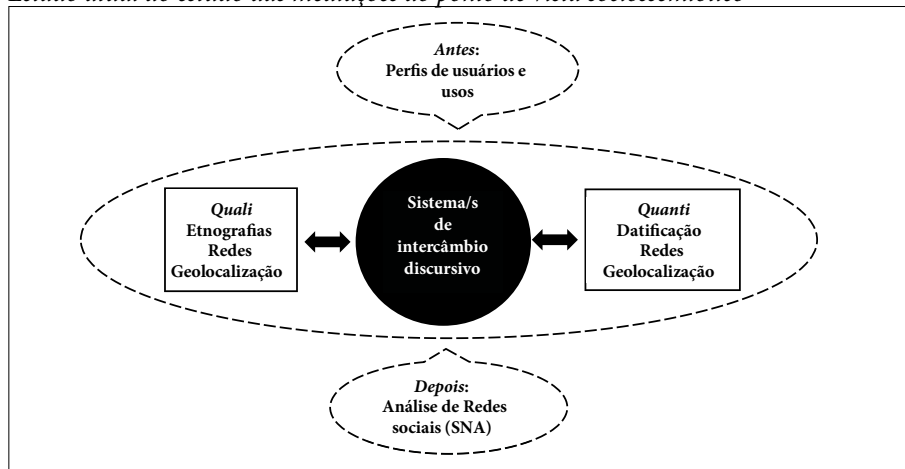
CONVERGÊNCIAS FORA DA DISCIPLINA SOCIOSSEMIÓTICA

A convergência do trabalho da semiótica para fora da disciplina está em pleno desenvolvimento. Vários pesquisadores no campo da semiótica, às vezes com suas equipes de pesquisa permanentes, mas às vezes convidando especialistas para tópicos específicos, vêm trabalhando há algum tempo com abordagens interdisciplinares sem abandonar as especificidades da semiótica, desde Armando Silva (2006) e o urbano, até Massimo Leone (2024) com o rosto, ou Clotilde Pérez (2024) com o consumo, até José María Paz-Gago (2016) sobre moda ou Neyla Pardo Abril (2017) com seus estudos sobre violência e exclusão. Há algum tempo, a semiótica latino-americana está *olhando para fora*.

A Figura 6 simplifica e tenta ordenar o estado atual de nosso trabalho, às vezes institucionalizado dessa forma, mas frequentemente implantado de maneira espontânea e desordenada. Seja qual for o nome que lhes dermos, estudamos as trocas discursivas em plataformas, e esse trabalho coexiste com abordagens qualitativas e quantitativas e com diversas tradições epistemo-metodológicas.

Figura 6

Estado atual do estudo das mediações do ponto de vista sociossemiótico



Nota. Elaboração própria.

Essa ordenação deve servir ao propósito de que, antes, faltam perfis de usuários e não usuários, e os motivos para isso, para cada plataforma. Esse desconhecimento deve ser levado em conta. Por outro lado, argumenta-se que as *análises de rede*, estritamente falando, devem ser posteriores ao conhecimento sobre a vida nas plataformas. Sem esse conhecimento, o conhecimento sobre os nós e suas relações reticulares é pouco mais do que exploratório.

De todo esse universo complexo, apenas a captura e o processamento de dados, e especialmente a captura, serão o foco de atenção aqui.

Os aplicativos de captura, processamento e representação vêm de diferentes tradições *tecno-teóricas*. Mas isso não impede que eles sejam articulados com uma *naturalidade* que oculta limitações e dificulta melhorias na análise. A descrição das tarefas e sua organização sequencial podem servir para organizar o olhar.

Na pesquisa do que é conhecido como *Ciências de Dados*, uma denominação fundamental baseada nos dados fornecidos, a prática mais comum é a experimentação com diferentes aplicativos, gerando diferentes resultados, que são então sujeitos a interpretação. Esse processo continuará, em grande parte de forma saudável, devido à inércia do próprio campo das ciências sociais e de seus parceiros, e em outra parte porque não atinge as profundezas da plausibilidade histórica. Os engenheiros de sistemas são seus principais atores.

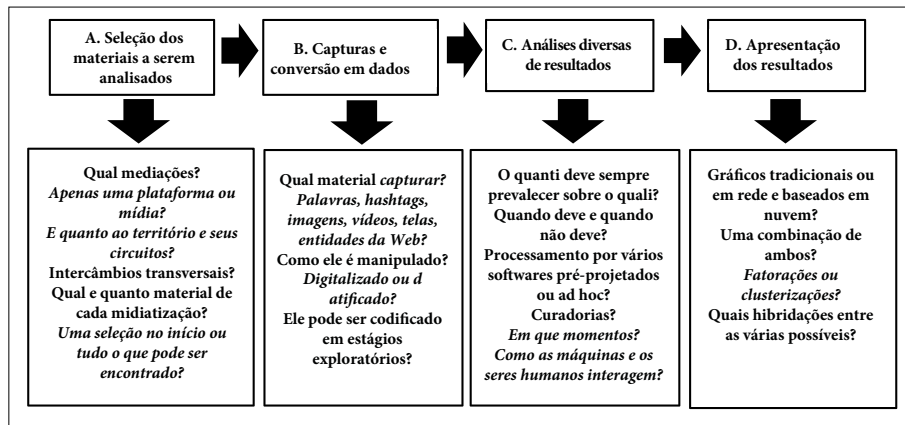
Em um momento em que o trans é apresentado como uma alternativa a várias polarizações ou fronteiras rígidas, grande parte da pesquisa sobre plataformas e redes está, no entanto, seguindo caminhos paralelos. É possível distinguir quatro *fases* diferentes de trabalho da ciência de dados para a compreensão das trocas discursivas em plataformas e suas redes (Figura 7). Embora os estudos sobre dados de plataforma tenham sido organizados em *etapas* (*steps*), em geral, faz-se referência a *momentos* de trabalho *dentro* dos processos de pesquisa (Omena, 2021, p. 125). Aqui, tenta-se observar seu desdobramento como se fosse *de fora*.

Pode-se observar uma sequência de procedimentos complexos, cada um em si mesmo, e que podem ser desenvolvidos em disciplinas que não têm o social como foco central. Como defender o amplo conhecimento prévio da análise do discurso contra aplicativos que *capturam* materialidades, como *palavras* ou *imagens*, que há décadas se sabe não serem unidades mínimas de significado?

É necessário refletir sobre esses diferentes momentos do processo de pesquisa de forma que ele possa ser articulado com qualquer mesa interdisciplinar. É possível distinguir quatro fases, que muitas vezes não são discriminadas:

- a. Dado um determinado tópico, seja ele comunicação sociocultural, política ou governamental, qual mediação ou conjunto de mediações deve ser escolhido por sua relevância?
- b. Que tipo de dados é processado e como eles são *capturados*? Cliques, números, textos escritos ou audiovisuais: como eles são escolhidos? Como são transformados quando processados? O microproblema da captura é apenas um aspecto irrelevante na maré do processamento de dados?
- c. O que há de novo no *tratamento* estatístico desses dados e na interpretação de seus resultados? Os *cientistas de dados* estão cientes da longa jornada anterior ou estão simplesmente começando do zero, acreditando que o mundo social nas plataformas é essencialmente diferente do anterior?
- d. A *representação* desses resultados estatísticos, sua representação gráfica, deve ser compreendida por si só ou requer um novo aprendizado? Esse é um capítulo muito específico na sequência do trabalho e que tem vida própria (Tufte 1990). Em princípio, a *representação* dos resultados é um estágio da análise.

Figura 7
Fases da pesquisa de dados. Foco na captura e na construção



Nota. Fernández (2023, p. 93).

O microproblema da captura é apenas um aspecto irrelevante na maré do processamento de dados? Como defender o amplo conhecimento prévio da análise discursiva contra aplicativos que capturam materialidades, como palavras ou imagens, que há décadas se sabe não serem unidades mínimas de significado?

O primeiro passo para ordenar essas fronteiras difusas e cruzá-las para chegar ao que nos interessa sobre os dados é lembrar a necessidade registrada por Verón (1987) de partir das *marcas* materiais para reconstruir os *traços* dos processos de produção de sentido. É uma jornada que vai da observação *direta* à constituição dos *resultados* da observação. Somente no nível do *traço* é possível relacionar esse resultado a outros *dados* ou incluí-lo em um processo de *triangulação* ou relacionamento com outras abordagens disciplinares.

A *ferramenta* que usamos para registrar a transição das marcas para os traços é o *gradeamento*, ou seja, um processo de processamento de informações e registros codificados (Figura 8).

Figura 8

Esquema de gradeamento

Casos Níveis/Traços	Caso 1	Caso 2	Caso 3	Caso n
Nível 1				
Traço 1	X		X	
Traço 2	X	X		X
Traço n			X	X
Nível 2				
Traço 1		X		X
Traço 2	X	X	X	X
Traço n		X		X
Nível n				
Traço n	X		X	

Nota. Elaboração própria.

Em um espaço analítico interdisciplinar, a grade discursiva será a contribuição que o sociossemióticista trará à mesa interdisciplinar para que ecologistas, sociólogos e/ou etnógrafos verifiquem se os tópicos de interesse estão cobertos, e para que engenheiros e programadores projetem e programem softwares que capturem esses traços da produção de significado. Quando esses rastros são articulados em cada captura, o caminho inverso e desmultiplicador para a materialidade analisada pode então ser seguido.

Que tipos de características devem ser seguidas nas linhas da grade? Do ponto de vista discursivo, recomenda-se considerar, no mínimo:

- As *texturas*, que indicam o modo de construção dos dispositivos técnicos;
- Os *formatos*, que possibilitam relacionar o corpus em suas semelhanças e diferenças com outros intercâmbios relevantes;
- As *figurações e tematizações* que propõem reciprocidades, simetrias, complementaridades ou figurações enunciativas que constroem possíveis interlocutores por meio de implicaturas ou pressuposições;
- Os *sinais de propostas* de persuasão ou dissuasão, ou diferentes níveis de interação, entretenimento ou fervor militante.

Os registros estão dispostos em uma grade, na qual, nas colunas, estão os materiais do corpus (*casos*) e, nas linhas, os traços selecionados como marcas que são registradas na célula que cruza traço e caso com um tique ou uma cruz.

Esse trabalho de registro de semelhanças e diferenças entre os casos produz uma série de espaços diferenciados que podem ser descritos (o caso 2 é caracterizado por certos traços, alguns dos quais compartilha com o caso 1 e outros com o caso n).

Nenhuma dessas decisões precisa ser definitiva, mas qualquer necessidade de alterá-las em face de descobertas deve ser registrada como progresso da pesquisa (como não fazem parte do processo de trabalho, essas descobertas são frequentemente aplicadas para orientar possíveis pesquisas ou análises futuras).

Pode-se argumentar que, até que isso seja discutido e as formas de registrar informações relevantes *antes* da captura e do processamento algorítmico sejam incorporadas à programação de aplicativos, grande parte dos mistérios das vidas nas plataformas e seus públicos permanecerá invisível (Fernandez, 2024).

CONCLUSÕES. UM FUTURO INQUIETANTE, MAS ATRAENTE

No final, é importante insistir que tudo o que foi dito acima foi escrito a partir de uma perspectiva horizontal: devemos estar abertos para discutir todas as definições conceituais e ferramentas de trabalho, com o único objetivo de acumular forças diante de um futuro que parece ser inquietante, mas cheio de desafios atraentes.

O futuro do trabalho de pesquisa sobre mediações só pode ser formulado, seguindo Oscar Traversa (1994), de forma mista: com tensões entre projetos que tentam capturar a complexidade da interdisciplinaridade e os ajustes inevitáveis em sua aplicação em uma territorialidade que, previsivelmente, também é complexa e diversa.

Serão necessárias muitas equipes com muitos pesquisadores, de diferentes disciplinas e universidades e centros de pesquisa, trabalhando online, distribuídos em diferentes territórios, para cobrir todos os espaços e horários, em uma plataforma ainda a ser projetada, mas da qual já há avanços. A sociosemiótica poderia ajudar no projeto dessa plataforma e, sem dúvida, as consolidações de dados serão realizadas com a Iagen.

Uma vez aceito que a abordagem sociosemiótica dos intercâmbios discursivos mediados é indispensável, mas que não é suficiente para entender as complexidades da mediação, pelo menos do meu ponto de vista, o caminho da articulação é mais *interdisciplinar* do que *trans* ou *pós-disciplinar*. Concordo com a necessidade de uma formação de polímatas, tanto como um momento de formação básica quanto como uma meta para o futuro (Piscitelli, 2023), mas será difícil escapar da especialização em determinadas áreas de trabalho. Talvez os espaços que até agora preferimos chamar de mesas interdisciplinares possam ser chamados de pós-disciplinares ou transdisciplinares, mas a discussão terminológica parece secundária.

Em conexão com os diferentes nomes e abordagens e suas sutis diferenças, vale a pena nos perguntarmos se não valeria a pena realizar sessões terminológicas e metodológicas em cada um dos encontros que reúnem centralmente os pesquisadores semióticos. A convivência de disciplinas, pelo menos parcialmente, deveria ser uma proposta institucional.

Para concluir, e como um olhar esperançoso em direção a um futuro inevitavelmente inquietante, reafirmemos uma certeza: dentro da semiótica latino-americana existe uma grande massa crítica de conhecimento que vai além de qualquer síntese e é capaz de contribuir para qualquer trajetória interdisciplinar que se imponha para enfrentar os desafios que temos pela frente. ■

REFERÊNCIAS

- Braga, J. L. (2012). La política de los internautas es producir circuitos. In M. Carlón & A. Fausto Neto. (Comps.), *La política de los internautas: Nuevas formas de participación* (pp. 43-59). La Crujía.
- Carlón, M. (2020). *Circulación del sentido y construcción de colectivos: En una sociedad hipermediatizada*. Nueva Editorial Universitaria – UNSL.
- Carlón, M. (2024). Mediatización. In D. Charras, L. Kejval & S. Hernández. (Coords.), *Vocabulario crítico de las Ciencias de la Comunicación* (pp. 264-268). Penguin Random House.
- Caro, A. (2023). *Semiocapitalismo: Del producto a la marca, de la mercancía al signo/mercancía*. SB Editores.

- Chauvel, L., Soto, M., & Traversa, O. (Coords.). (2018). La semiosis social: Homenaje a Eliseo Verón. *deSignis*, (29). <http://dx.doi.org/10.35659/designis.i29>
- Cingolani, G. (2019). El efecto verón. *La Trama de la Comunicación*, 23(2). <https://doi.org/10.35305/lt.v23i2.697>
- Fausto Neto, A. (2010). A circulação além das bordas. In A. Fausto Neto & S. Valdetaro. *Mediatización, sociedad y sentido: Diálogos entre Brasil y Argentina* (pp. 2-17). UNR Editora.
- Fernández, J. L. (2021). *Vidas mediáticas: Entre lo masivo y lo individual*. La Crujía.
- Fernández, J. L. (2023). *Una mecánica metodológica para el análisis de las mediatizaciones*. La Crujía.
- Fernández, J. L. (2024). *Las cuatro revoluciones invisibles: Audiencias, desde antes de la radio hasta después del podcast*. SB Ediciones.
- Flores, R. (2022). *Magia publicitaria: Semiótica de la eficacia simbólica*. Aracne.
- Jansson, A. (2006). Textural analysis: Materializing media space. In A. Jansson & J. Falkheimer (Eds.), *Geographies of communication: The spatial turn in media studies* (pp. 85-104). Nordicom.
- Leone, M. (2023). Entrevista a Massimo Leone: La comunicación del futuro – Desafíos teóricos y educativos. *Inmediaciones de la Comunicación*, 18(2), 301-304. <https://doi.org/10.18861/ic.2023.18.2.3499>
- Leone, M. (Ed.). (2024). *The hybrid face: Paradoxes of the visage in the digital era*. Routledge.
- Lotman, I. (1996). Acerca de la semiosfera. In S. Sevilla & J. Talens. (Eds.). *La semiosfera I: Semiótica de la cultura y el texto* (pp. 21-42). Cátedra.
- Mangieri, R. (2017). Kinésica y proxémica en entornos urbanos: Ritmos, entrainments y sincronizaciones. *LIS*, (17), 145-170. <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/lis/article/view/3857>
- Omena, J. J. (2021). *Digital Methods and technicity-of-the-mediums. From regimes of functioning to digital research* [Tesis de doctorado, Universidade Nova]. Repositório Universidade Nova. <http://hdl.handle.net/10362/127961>
- Pardo Abril, N. (2017). *Aproximaciones al despojo en Colombia: Representaciones mediáticas*. EUNC.
- Pardo Abril, N. (2023). Entrevista a Neyla Pardo: Mediatización y análisis crítico del discurso. *Inmediaciones de la Comunicación*, 18(2), 305-310. <https://doi.org/10.18861/ic.2023.18.2.3508>
- Pardo Abril, N., & Ospina, L. E. (Comps.). (2017). *Miradas, lenguajes y perspectivas semióticas: Aportes desde América Latina*. Instituto Caro y Cuervo; Universidad Nacional de Colombia; Federación Latinoamericana de Semiótica.

- Parra Ortiz, E. (2014). Eliseo Verón y el desarrollo de la semiótica en Chile. *Comunicación y Medios*, (29), 129-133. <https://comunicacionymedios.uchile.cl/index.php/RCM/article/view/32373/34147>
- Patricio Rey y sus Redonditos de Ricota. (1988). Todo un palo [Canción]. En *Un baión para el ojo idiota*. Del Cielito.
- Paz-Gago, J. M. (2016). *El octavo arte: La moda en la sociedad contemporánea*. Hércules.
- Pérez, C. (2024). *¿Existen límites al consumo? De las transacciones comerciales a la circulación de significado*. SB Ediciones.
- Piscitelli, A. (2023). *Polímatas: El perfil antidisciplinario del trabajador del futuro*. Fundación Santillana.
- Rocha Alonso, A. (2016). Proyecto burbujas: Circuitos de música en Buenos Aires. *LIS*, (15), pp. 35-48. <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/lis/article/view/3819>
- Santaella, L. (2021). Inteligencia artificial y cultura: Oportunidades y desafíos para el sur global. Unesco. https://cetic.br/media/docs/publicacoes/8/20210429155702/policy_paper_inteligencia_artificial_y_cultura_ES.pdf
- Silva, A. (2006). *Imaginario urbano* (5a. ed.). Arango.
- Traversa, O. (1994). Mixtopías: Las utopías de las sociedades mediáticas. In V. Fortunati, O. Steimberg & L. Volta (Comps.), *Utopías* (pp. 65-75). Corregidor.
- Valdettaro, S. (Ed.). (2021). *Mediatization(s) studies*. UNR Editora.
- Verón, E. (1987). *La semiosis social*. Gedisa.
- Verón, E. (2013). *La semiosis social 2*. Paidós.
- Videla, S. (2019). Vidas on/off line de lo musical: Relación entre plataformas mediáticas y espectáculos en vivo en centros culturales. *Revista Sociedad*, (39), 227-240. <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/revistasociedad/article/view/5099>
- Voto, C., Finol, J. E., & Leone, M. (Coords.). (2021). El rostro en el horizonte digital latinoamericano. *deSignis Hors Serie*, (1). <https://www.designisfels.net/wp-content/uploads/2021/10/HORS-SERIE-01.pdf>

Artigo recebido em 17 de outubro de 2024 e aprovado em 23 de outubro de 2024.